

**JULGAMENTO MORAL EM JOVENS JOGADORES DE FUTEBOL**

José Augusto Evangelho Hernandez<sup>1</sup>  
 Miguel da Silva Rocha<sup>2</sup>  
 Rogério da Cunha Voser<sup>3</sup>  
 Miguel Angelo dos Santos Duarte Junior<sup>3</sup>

**RESUMO**

Este estudo avaliou e comparou o julgamento moral de jogadores das categorias infantil e juvenil do futebol. Foram examinados 41 atletas homens, de 15 a 17 anos de idade, pertencentes a um clube esportivo de Porto Alegre/RS. Foi apresentada aos participantes a estória do dilema da Trapaça do *Judgments about Moral Behavior in Youth Sport Questionnaire*, na qual um personagem é levado a fazer escolhas dilemáticas. Na análise dos dados, não foram apuradas diferenças estatísticas significativas entre as categorias. Porém, os jogadores apresentaram respostas que indicaram raciocínio moral no nível pré-convencional, abaixo do esperado para suas idades. Esse fato é discutido à luz da teoria de raciocínio de jogo.

**Palavras-chave:** Psicologia do Esporte. Raciocínio Moral. Desenvolvimento Moral. Trapaça. Raciocínio de Jogo.

1-Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Instituto de Psicologia, Brasil.

2-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre-RS, Brasil.

3-Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre-RS, Brasil.

**ABSTRACT**

Moral Judgment in Young Football Players

This study evaluated and compared the moral judgment of the child and youth players football categories. 41 male athletes, 15-17 years of age, belonging to a sports club in Porto Alegre/Brasil/RS were examined. Participants were presented the story of the dilemma of the Cheating Judgments about Moral Behavior in Youth Sport Questionnaire, in which a main character is led to make dilemmatic choices. In analyzing the data, no statistical significant differences between categories were calculated. However, the players presented responses indicated that moral reasoning in pre-conventional level of development, below expectations for their age. This fact is discussed in the light of the reasoning theory game.

**Key words:** Sport Psychology. Moral Reasoning. Moral Development. Cheating. Reasoning Game.

E-mail dos autores:

[hernandez.uerj@gmail.com](mailto:hernandez.uerj@gmail.com)

[miguelrocha.edu@bol.com.br](mailto:miguelrocha.edu@bol.com.br)

[rogerio.voser@ufrgs.br](mailto:rogerio.voser@ufrgs.br)

[miguel.nutricao@hotmail.com](mailto:miguel.nutricao@hotmail.com)

Endereço para correspondência:

Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ. Instituto de Psicologia.

Rua São Francisco Xavier, 524, 10º andar, sala 10028D. Maracanã, Rio de Janeiro-RJ.

CEP: 20550-900.

Fones: (21) 2334-0484/97252-8440.

### INTRODUÇÃO

Através de uma pesquisa exploratória do tipo correlacional, o presente estudo avaliou e comparou o raciocínio moral de jogadores das categorias infantil e juvenil do futebol em situações de trapaça no esporte.

Desta forma, buscou contribuir para a discussão dessa temática ainda pouco explorada na psicologia do esporte brasileira. Contudo, as questões relacionadas com a ética e a moral não são preocupações recentes no esporte, pois sempre foram atributos indispensáveis à prática de atividades esportivas.

O esporte oferece um espaço privilegiado para desenvolver princípios e valores que podem contribuir para a estruturação e organização da vida social através da formação dos praticantes, especialmente as crianças e os jovens (Matos, 2013; Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2010; Leo e colaboradores, 2015). Por outro lado, valores que o esporte poderia transmitir à sociedade, tais como honestidade, lealdade, sinceridade e respeito mútuo entre os participantes, parecem cada vez menos relevantes nas competições esportivas.

É provável que isso seja decorrente de um processo de mercantilização, o qual caracteriza muitas áreas da atividade humana na atualidade devido à hegemonia dos valores econômicos sobre os humanos (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2010).

Para Shields e Bredemeier (1995), a moralidade no esporte envolve três conceitos: o *fair play*, o espírito esportivo e o caráter. O *fair play* refere-se ao entendimento e obediência dos atletas às regras formais e, além disso, ao cultivo da cooperação e da submissão às regras informais das relações humanas que asseguram a justiça na competição.

O espírito esportivo é caracterizado pelo compromisso do atleta em empenhar-se ao máximo na competição para a obtenção do sucesso, mas permitindo que a ética predomine sobre a vantagem no jogo quando houver conflito entre ambos.

O caráter é um conjunto de atributos que pode ser desenvolvido através do esporte.

O caráter no esporte deve acrescentar a compaixão (empatia) e a integridade (auto eficácia moral) ao *fair play* e ao espírito esportivo.

A moral no esporte tem sido estudada, principalmente, mediante três abordagens: a aprendizagem social, a estrutural-evolutiva e a sociopsicológica.

Neste estudo, para a obtenção dos dados foi adotada a abordagem estrutural-evolutiva, que concentra seu foco de atenção em como mudanças no desenvolvimento interagem com experiências ambientais para moldar o raciocínio moral.

Os evolucionistas estruturais sustentam que a capacidade de raciocinar moralmente depende do nível de desenvolvimento cognitivo da pessoa (Weinberg e Gould, 2008).

Assad e colaboradores (2013) afirma que níveis mais elevados de raciocínio moral relacionam-se inversamente com comportamentos violentos.

A moral é um conjunto de normas que regulam o comportamento do homem na sociedade (Silva, 2015).

Essas normas são adquiridas pela educação, pela tradição e pelo cotidiano. O desenvolvimento moral é um processo de experiências e crescimento por meio do qual uma pessoa desenvolve a capacidade de raciocinar moralmente (Coles, 1998).

A partir de uma interação da criança com os ambientes sociais - casa, escola, amigos e comunidade - e as experiências vividas com estes, os valores morais tendem a ser desenvolvidos (Silva, 2015).

Biaggio (2002) enfatizou que o desenvolvimento moral não é apenas um processo de imposição de regras e de virtudes, mas exige uma transformação das estruturas cognitivas do indivíduo.

Portanto, a simples participação no esporte não desenvolveria automaticamente o caráter, o raciocínio e o espírito esportivo, estes poderiam ser desenvolvidos através do ensino e da aprendizagem em ambientes esportivos.

Piaget (1977) descreveu dois níveis básicos de raciocínio ou julgamento moral: no nível de "moralidade de coerção", a criança iguala o que é certo com o comando que recebe dos adultos.

Trata-se de um respeito unilateral às regras dos adultos, que definem o que é certo e

o que é errado. A partir das interações com os pares, a criança desenvolve o nível da "moralidade de cooperação", baseada na reciprocidade.

Kohlberg (1984) enquadrando-se na tradição estruturalista e defendeu que as estruturas de justiça são representadas por seis estágios universais que fundamentam a organização cognitiva de nosso mundo social.

Esse conceito de justiça é entendido como a evolução de uma orientação autoritária e hedonística inicial, enfatizando consequências externas, para uma orientação convencional ou dominada pela conformidade com as regras sociais e, finalmente, para princípios universais construídos de forma autônoma.

Porém, nem todas as pessoas alcançam integralmente todos os estágios. Esta teoria iniciou um campo de estudo completamente novo que ganhou impulso nos anos sessenta e continuou inspirando inúmeras pesquisas.

Os seis estágios de desenvolvimento moral de Kohlberg (1984) se agrupam em três níveis hierárquicos: pré-convencional, convencional e pós-convencional. Pessoas no nível pré-convencional (Estágios 1 e 2), principalmente as crianças, concebem as regras como externas ao eu.

As tomadas de decisões morais são baseadas em expectativas de recompensa ou castigo.

No nível convencional (Estágios 3 e 4), as pessoas seguem uma moralidade de normas e valores compartilhados, centrada nas necessidades dos indivíduos, nas regras e nas expectativas dos outros. As relações interpessoais e a consideração com as opiniões dos outros são cruciais no Estágio 3.

No Estágio 4, convencional, obedecer às leis da sociedade torna-se o ponto central. No nível pós-convencional (Estágios 5 e 6), a tomada de decisão moral está baseada em princípios de raciocínio.

O Estágio 5 fica em torno da máxima utilitária, "o bom é o que é melhor para a maioria".

No Estágio 6, as pessoas tomam decisões baseadas em princípios universais de justiça, liberdade e igualdade, mesmo que esses violem leis ou normas sociais

Na visão de Biaggio (2002), esses estágios de julgamento moral são universais, mas sua construção depende, no entanto, de

vários fatores relacionados às interações das pessoas com seu meio.

Para medir o nível moral no qual as pessoas estão operando, Kohlberg desenvolveu um processo de entrevista altamente refinado denominado *Moral Judgment Interview* no qual são apresentadas situações hipotéticas que envolvem dilemas morais.

No seu trabalho sobre desenvolvimento moral no esporte, Shields e Bredemeier (2008) foram influenciados pela teoria de Haan (1978) que, como Kohlberg, hipotetizou três principais níveis de desenvolvimento que se movem de uma orientação mais egocêntrica, através de um nível médio, que é mais convencional a um nível de maturidade em que a justiça é um princípio orientador.

Nesta perspectiva, Stephens, Bredemeier e Shields (1997) desenvolveram o *Judgments about Moral Behavior in Youth Sport Questionnaire (JAMBYSQ)* para avaliar o raciocínio moral em jovens jogadoras de futebol.

O JAMBYSQ examina atitudes frente a três tipos de comportamentos no esporte: trapaça, agressão e mentira. Usando um número de situações restritas para representar as atitudes alvo, o instrumento explora os julgamentos deontológicos (juízos éticos que expressam certas obrigações morais) dos participantes, a atmosfera moral da equipe, as tendências das ações e os motivos para as mesmas.

Dilemas esportivos e dilemas da vida foram apresentados por Bredemeier e Shields (1986) para jogadores de basquete do sexo masculino e feminino e, também, para não atletas.

Entre os 50 estudantes universitários, os não atletas apresentaram significativamente raciocínio moral mais maduro do que os jogadores de basquete, em ambos os tipos de dilemas (esportivos e da vida).

O raciocínio nos dilemas do esporte foi significativamente inferior ao raciocínio nos dilemas de vida, para atletas e não atletas e, também, para homens e mulheres. Beller e Stoll (1995) encontraram os mesmos resultados.

Todas essas descobertas levaram à idéia de que do esporte seria, de alguma forma, um mundo isolado da vida cotidiana. A

participação no esporte envolveria uma transformação da cognição e do afeto.

O raciocínio moral sofreria alguma mudança na sua estrutura básica, da vida para o esporte. A participação no esporte compreenderia uma transformação moral em que o egocentrismo seria redefinido como apropriado.

O resultado seria uma forma de moralidade chamada “raciocínio de jogo”, uma suspensão temporária nas obrigações morais usuais para considerar igualmente as necessidades e desejos de todas as pessoas (Shields e Bredemeier, 2008).

Bredemeier (1994) e Bredemeier e Shields (1985a, 1985b) sugeriram que muitos atletas utilizam o “raciocínio de jogo” ao responder a dilemas morais em cenários esportivos específicos em oposição aos da vida diária.

Os resultados destes estudos apoiaram a hipótese de que o nível de raciocínio moral sobre dilemas hipotéticos no esporte seria menor do que o nível de raciocínio moral sobre dilemas no contexto da vida cotidiana.

No Brasil, Vieira (1993) avaliou o desenvolvimento moral de adolescentes atletas e não atletas em relação a dilemas morais na vida diária e na prática esportiva. Os atletas apresentaram raciocínio moral similar nos dilemas de vida esportiva e nos de vida diária. Mas não atletas foram diferentes de atletas com relação aos dilemas da vida cotidiana.

Por outro lado, Lenz, Pinheiro e Generosi (2010), em estudantes das séries finais do ensino fundamental, encontraram que praticantes de atividades esportivas e não praticantes distribuíram-se de forma semelhante nos dilemas da vida esportiva e da vida diária.

Com base na Teoria do Raciocínio de Jogo (Bredemeier e Shields, 1985a), o estudo qualitativo de Long e colaboradores (2006) teve por objetivo descrever a percepção de jovens atletas de elite das regras de conformidade e transgressão em ambientes competitivos.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 10 atletas de 15 a 18 anos de idade. A análise dos dados mostrou que o respeito e a transgressão às regras em ambientes competitivos foram percebidos conforme as características individuais (desejo

de vencer), o ambiente social (pressão dos treinadores, normas da equipe), valores e virtudes do esporte (*fair play*, ética de esforço) e as recompensas (reconhecimento da mídia e financeiras).

O raciocínio moral também parece estar relacionado com as orientações motivacionais dos atletas no esporte. As orientações ao ego estão mais relacionadas com níveis mais baixos de julgamento moral, enquanto as orientações à tarefa, com níveis mais elevados (Cecchini-Estrada, De Mesa, Montero-Méndez, 2008; Kavussanu, Ntoumanis, 2003; Kavussanu, Roberts, 2001; Pinto, 2002; Sage, Kavussanu, 2007; Stephens, Bredemeier, 1996).

A Teoria da Atmosfera Moral (influência dos treinadores e companheiros de equipe) tem como premissa a existência de normas morais que são *sui generis* para determinado grupo (Power, Higgins e Kohlberg, 1989).

Assim, uma equipe esportiva pode desenvolver normas morais coletivas em relação a questões, tais como: como e quando se podem violar as regras de jogos, quais os papéis e as práticas que devem prevalecer. Essas normas podem orientar as ações dos membros do time.

Para Shields, Bredemeier, Gardner e Bostrom (1995), a idade, os anos de escola e de prática do esporte correlacionaram positivamente com expectativas dos pares acerca da trapaça e da agressão e com a crença de que o treinador sancionaria a trapaça se isso fosse necessário para vencer.

Por meio da modelagem de equações estruturais, Kavussanu, Roberts e Ntoumanis (2002) e Kavussanu e Spray (2006) encontraram tolerância à trapaça e a comportamentos agressivos associados com o clima motivacional para o desempenho na equipe. Steinfeldt e colaboradores (2011), Leo e colaboradores (2015) e Pelaez e colaboradores, (2013) demonstraram que atmosfera moral foi significativamente associada com o funcionamento moral por meio de níveis de julgamento, intenções e comportamentos e sugeriram que, nos esportes agressivos e violentos, os treinadores podem ter um efeito sobre o funcionamento moral dos jogadores.

Nesta mesma linha Bosquetti e colaboradores (2015) afirma que os árbitros podem contribuir para um ambiente de *fair*

*play*, ensinando o regulamento e apontado às infrações cometidas por exemplo. Já Matos (2013), mais amplamente, sugere que de treinadores, dirigentes, árbitros e pais se esperam atitudes pautadas em um comportamento cívico desportivo correto já que conduzem, enquadram e acompanham a prática desportiva.

Para Samulski (2002), vencer desempenha um papel duplo no desenvolvimento do caráter.

Por um lado, a ênfase na vitória pressiona alguns indivíduos a trapacearem, violarem regras e comportarem-se de forma que os mesmos considerariam inadequadas fora do campo.

Por outro lado, quando um jogador resiste às tentações de trapacear ou cometer outros atos imorais, a despeito do alto valor dado à vitória, a integridade se desenvolve e as lições morais tornam-se mais significativas.

Shields e Bredemeier (2001) encontraram uma relação consistente entre o comportamento de esportistas e o raciocínio moral, porém, reconheceram que esta relação não é perfeita.

A coerência entre julgamento e comportamento moral permanece uma questão em discussão, ainda não se podendo afirmar que um elevado nível de julgamento moral leve a pessoa a agir corretamente. É possível que outros fatores emocionais e/ou culturais permeiem esta relação.

Neste estudo exploratório atual foi apresentada aos participantes uma breve história dilemática sobre o comportamento de trapaça no esporte criada por Stephens e colaboradores (1997).

Desta forma, buscou-se verificar e comparar os julgamentos morais de atletas das categorias de base infantil e juvenil do futebol da região sul do Brasil.

## MATERIAIS E MÉTODOS

### Amostra

Foi usada uma amostra não probabilística de conveniência. Participaram desta pesquisa 41 jogadores de futebol com idades entre 15 e 17 anos ( $M= 16$  e  $DP= 0,72$ ), do sexo masculino, sendo 21 da categoria infantil (15-16 anos) e 20 da juvenil (16-17anos).

Os atletas examinados eram vinculados a um clube esportivo da primeira divisão do futebol do Rio Grande do Sul, Brasil.

### Instrumento

Foi utilizado o *JAMBYSQ* de Stephens et al. (1997). Este instrumento foi construído para avaliar as tendências de ações de *fairplay*, julgamentos concernentes às mesmas, motivos morais para os julgamentos e percepções das normas da equipe relacionadas com os comportamentos de falta de *fairplay*.

O instrumento é composto de histórias no âmbito do futebol nos quais um protagonista hipotético é levado a fazer escolhas dilemáticas.

Do instrumento original, a história da trapaça abaixo transcrita foi traduzida pelo método *back translation*, com participação de dois psicólogos bilíngues, e utilizada nesta pesquisa.

Os pontos discordantes da tradução foram, posteriormente, discutidos e solucionados por consenso entre os tradutores e os pesquisadores.

Pedro é um zagueiro e está posicionado em frente à goleira. Na cobrança de um escanteio, a bola é lançada para a sua posição.

Contudo, ele não consegue chutar a bola para evitar o gol, mas poderia desviá-la para fora com uma das mãos. Uma vez que a área está cheia de jogadores, o árbitro não conseguiria ver o ato ilegal.

Pedro precisa decidir se deve ou não usar suas mãos (adaptado de Stephens e colaboradores, 1997, p. 390).

A partir da história, os participantes foram questionados por meio de seis itens. O item 1 abordou o julgamento deontico, os respondentes foram questionados se o Protagonista (Pedro) deveria trapacear ou não.

O item 2 tratou da normatização moral do grupo. Os sujeitos foram convidados a estimar o número de companheiros da equipe que poderiam apresentar um comportamento antidesportivo ou ilícito.

Neste item foi usada uma escala tipo Likert de quatro pontos para a resposta dos sujeitos: o 1 significando “nenhum jogador trapaceará” e 4, “todos os jogadores trapacearão”.

O item 3 pediu aos participantes que se colocassem na posição do protagonista (Pedro) e, via escolha forçada, tomassem uma decisão entre duas opções: usar trapaça ou não.

O item 4 foi constituído de seis afirmações que foram avaliadas pelos sujeitos, três afirmações se referiam a motivos morais típicos do nível pré-convencional e três, ao nível convencional (Kohlberg, 1984).

No item 5, foi pedido aos sujeitos que elessem o motivo moral mais importante relacionado as suas decisões no item anterior.

Por fim, o item 6 avaliou o quanto os respondentes acreditavam que trapaceariam. Neste item, também foi usada uma escala tipo Likert para avaliar as respostas dos atletas: 1, significando “nada provável que trapaceie”, e 5, “totalmente provável que trapaceie”.

### Procedimentos

Foram cumpridas as exigências relativas à ética em pesquisa com seres humanos conforme a Resolução CNS nº 196/96 mediante parecer nº 827.543 do comitê de ética da UERJ.

Como os participantes eram todos menores de idade, os responsáveis pelos mesmos foram informados dos objetivos da pesquisa, preencheram e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a realização da mesma.

Após, no local de treinamento, os atletas foram instruídos sobre o preenchimento do questionário. Cada indivíduo respondeu ao instrumento de forma isolada.

#### Análise dos dados

Os dados coletados foram digitados e analisados através do SPSS, versão 20.0, com técnicas estatísticas descritivas, Testes do Quiquadrado e Teste *t* de Student para amostras independentes e emparelhadas.

### RESULTADOS

Os resultados serão apresentados conforme as dimensões exploradas pelo JAMBYSQ. Na dimensão dos julgamentos deonticos, que expressam obrigações morais, a análise das frequências através do Teste do Quiquadrado (2 x 2) para as respostas ao dilema (Pedro deveria usar as mãos para desviar a bola? Sim ou não?) não revelou diferenças estatísticas significativas,  $\chi^2(1) =$

1.336;  $p = 0,248$ , nas frequências das respostas dos atletas por categorias (infantil e juvenil).

Também não foi revelada diferença estatística significativa,  $\chi^2(1) = 1.976$ ;  $p = 0,211$ , entre as frequências das respostas “sim e não” de todos os atletas para o uso do comportamento de trapaça, independente de categorias.

Na mesma dimensão deontica, o Teste do Quiquadrado (2 x 2) não revelou diferença estatística significativa,  $\chi^2(1) = 3.475$ ;  $p = 0,062$ , nas frequências das respostas ao item (Se o próprio participante usaria as mãos para desviar a bola? Sim ou não?) entre as categorias infantil e juvenil. No entanto, revelou diferenças estatísticas significativas,  $\chi^2(1) = 4.122$ ;  $p = 0,042$ , entre as respostas, independentes de categorias, os atletas escolheram com mais frequência o uso de comportamento de trapaça ( $n = 27$ ) do que não ( $n = 14$ ).

No exame da dimensão de atmosfera moral da equipe, o Teste *t* de Student para amostras independentes comparou as estimativas médias feitas pelos participantes acerca do número de possíveis companheiros trapaceiros entre as categorias infantil e juvenil.

O resultado apurou uma diferença estatística significativa,  $t(39) = 2.597$ ,  $p = 0,014$ . Os atletas da categoria juvenil ( $M = 2,9$  e  $DP = 1,16$ ) estimaram que mais companheiros pudessem trapacear no jogo do que estimaram os da categoria infantil ( $M = 2,1$  e  $DP = 0,77$ ). O tamanho do efeito desta diferença ( $d = 0,83$ ) é considerado grande, conforme Cohen (1988).

Na avaliação da dimensão tendência às ações foram comparadas as medidas das estimativas da probabilidade de uso de comportamentos de trapaça no esporte entre as categorias infantil ( $M = 2,5$  e  $DP = 0,93$ ) e juvenil ( $M = 2,9$  e  $DP = 1,23$ ).

O Teste *t* de Student para amostras independentes não apresentou diferenças estatísticas significativas entre as mesmas,  $t(39) = 1.393$ ;  $p = 0,197$ .

O tamanho do efeito ficou entre pequeno e médio ( $d = 0,37$ ) e o poder estatístico do teste foi 31,8%. Para um poder de 0,80%, para que o efeito categoria esportiva possa ter significância estatística, o tamanho calculado para cada uma das amostras é de 89 participantes.

A análise das frequências dos motivos morais preferidos pelos participantes para justificar a tendência ao comportamento de trapaça revelou diferenças estatísticas significativas entre os níveis destes,  $\chi^2(1) = 4.122$ ;  $p = 0,042$ .

A maioria dos motivos morais preferidos pelos atletas estava situada no nível pré-convencional de raciocínio moral superando os do nível convencional. Entre os motivos escolhidos pelos atletas predominaram os seguintes: “Se o jogo estivesse apertado e esse comportamento (trapaça) fosse necessário para impedir que a outra equipe vencesse” com 20 (48,8%) e “Se os árbitros não estivessem muito rigorosos, seria fácil tirar vantagem da situação” com sete (17,1%) somando 65,9% das escolhas totais dos participantes.

O Teste *t* de Student para amostras emparelhadas comparou as respostas médias de todos os participantes nos itens que representavam os motivos morais pré-convencionais com as respostas médias dos itens que representavam os motivos morais convencionais.

O resultado,  $t(40) = 3.341$ ,  $p = 0,002$ , revelou que os motivos pré-convencionais ( $M = 3,1$ ,  $DP = 0,78$ ) diferiram significativamente dos convencionais ( $M = 2,7$ ,  $DP = 0,97$ ). O tamanho do efeito ( $d = 0,46$ ) foi próximo ao médio (Cohen, 1988).

Contudo, o Teste do Quiquadrado (2 x 2) não revelou associação estatística significativa das frequências das respostas de níveis de desenvolvimento moral (pré-convencional e convencional) com as frequências das categorias esportivas infantil e juvenil,  $\chi^2(1) = 0,013$ ;  $p = 0,910$ .

## DISCUSSÃO

Em se tratando da dimensão deontológica, quando os participantes tinham que fazer escolhas entre usar ou não o comportamento de trapaça para o personagem e para si mesmo, não foram apuradas diferenças significativas nas respostas comparando as categorias infantil e juvenil.

Contudo, foi estimado que, com um aumento relativamente pequeno da amostra, haveria uma grande possibilidade de se obter uma diferença estatística significativa com relação ao uso ou não da trapaça entre as duas categorias de base examinadas. Não se

pode deixar de considerar esta possibilidade, haja vista que, em todas as comparações feitas, os dados relativos ao uso de trapaça foram sempre maiores para os atletas da categoria juvenil do que para os da categoria infantil.

Kavussanu, Seal e Phillips (2006) encontraram diferenças entre os grupos de idade em times de futebol do sexo masculino. As equipes mais velhas (17 anos) exibiam comportamentos antissociais com maior frequência do que as equipes mais jovens (13 e 15 anos).

No estudo de Mouratidou, Barkoukis e Rizos (2012), os atletas mais velhos, mais experientes e que participavam de equipes profissionais foram menos competentes do ponto de vista moral.

Para Chow, Murray e Feltz (2009), embora isso ainda não seja claro, faixa etária pode ser uma variável importante quando se examina o comportamento moral no esporte.

Possivelmente a proximidade com a categoria profissional e a atmosfera moral correspondente esteja influenciando o raciocínio moral dos atletas da categoria juvenil no estudo atual.

A estimativa do número de colegas de equipe que usariam trapaça no jogo foi significativamente maior para os atletas da categoria juvenil do que para os da infantil, o que pode ser uma evidência desta tese. Isto faria parte de um processo de aprendizagem gradativa que o atleta desenvolve à medida que avança na sua formação esportiva.

Por outro lado, quando os participantes deste estudo, independente de categorias, foram convidados a se colocarem na situação do protagonista da estória, todos responderam com maior frequência que usariam de trapaça do que não.

Os atletas participantes desta pesquisa pertenciam às categorias de base de um clube profissional da primeira divisão do futebol gaúcho, portanto já estavam submetidos a uma orientação voltada para o desempenho e competição e, possivelmente, a uma atmosfera moral característica deste ambiente.

A ação moral usualmente acontece no contexto do grupo, que tem uma profunda influência sobre a tomada de decisão moral dos indivíduos (Power, Higgins e Kohlberg, 1989).

Em grupos esportivos, Stephens e colaboradores (1997) sugeriram que as normas coletivas existentes influenciam sobre as atitudes e ações dos membros da equipe.

Malete, Chow e Feltz (2013) encontraram que as avaliações dos atletas acerca das competências do treinador contribuíram para suas atitudes e auto percepções, as quais influenciam seus comportamentos morais. Além disso, a percepção de seus companheiros de equipe foi altamente relacionada com comportamentos antissociais, tais como trapaça.

Os treinadores parecem ter um papel importante na modelagem da atmosfera moral do grupo e podem ter uma influência direta sobre os comportamentos antissociais dos jogadores através de seus endossos de jogo sujo.

Na pesquisa de Guivernau e Duda (2002), quando confrontados com escolhas morais, os atletas eram mais propensos a adotar o uso de trapaça se achassem que o seu treinador aprovaria tal comportamento.

Shields et al. (1995) examinaram o relacionamento entre o estilo de liderança dos treinadores e as normas dos times com relação à trapaça e a agressão. Os pesquisadores encontraram que, quando os treinadores tinham uma grande ênfase na instrução e no *feedback* positivo, os atletas acreditavam que os mesmos aprovariam a trapaça e a agressão na medida em que ajudassem o time a vencer, Leo e colaboradores (2015) e Pelaez e colaboradores (2013) reforçam este pensamento ao afirmar que treinadores que criam ambientes de aceitação à trapaça acabam por influenciar no comportamento moral de seus jogadores.

Silva (2015) salienta ainda que além da concepção do jogador a expectativa do técnico, dos organizadores ou mesmo da família podem ser reguladores de comportamentos que aparecem em uma partida ou ambiente esportivo, por isso há ocasiões em que o discurso do jogador difere das decisões tomadas durante a prática esportiva.

No presente estudo, apurou-se que os níveis de desenvolvimento moral dos jogadores de futebol das categorias infantil e juvenil foram semelhantes. A maioria (66%) dos jogadores apresentou julgamento moral

nos estágios 1 e 2 do 1º nível de desenvolvimento moral pré-convencional. Nesses estágios, as interpretações das situações como certo e errado são baseadas nas consequências físicas ou hedonistas de ação.

O comportamento punido seria interpretado como errado e o recompensado como moralmente correto. A moral limitar-se-ia a um conjunto de normas externas: submeter-se para evitar a punição ou para satisfazer desejos e interesses individuais. O nível pré-convencional é uma forma egocêntrica de raciocínio moral no qual o indivíduo está mais preocupado com seu bem-estar pessoal do que com o bem-estar do outro. O nível pré-convencional seria típico de crianças com idades entre 2 e 6 anos (Kohlberg, 1984).

Além disso, uma parte menor (34%) dos atletas examinados apresentou julgamento moral no primeiro estágio do nível convencional.

Nessa condição, já haveria alguma preocupação com o social, mas seria uma orientação para o “bom garoto”, uma moralidade de aprovação social. A pessoa tem necessidade de ser boa e correta a seus olhos e aos olhos dos outros. Este é o estágio da regra “aja com os outros como gostaria que eles agissem com você”.

No nível convencional, o comportamento moral do indivíduo estaria mais orientado pelas normas coletivas que operam dentro da equipe (Shields e Bredemeier, 2007).

Este estágio de raciocínio moral caracteriza crianças em idade escolar (Kohlberg, 1984).

Uma possível explicação para os níveis de raciocínio moral inferior apresentados pelos atletas nesta pesquisa seria a tese de “raciocínio de jogo” defendida por Bredemeier e Shields (1985).

Nesta perspectiva, o esporte seria um mundo à parte do mundo cotidiano e envolveria uma transformação moral em que o egocentrismo seria redefinido como apropriado.

O resultado disso seria o que os autores citados chamam de uma forma de moralidade entre aspas e o “raciocínio de jogo” um reflexo da mesma.

Tratar-se-ia de uma moral legitimada, uma suspensão temporária da usual obrigação



moral para considerar igualmente as necessidades e desejos das outras pessoas.

Por outro lado, o futebol, como quase tudo na sociedade atual, sofreria uma forte influência dos interesses econômicos, principal valor a permear o relacionamento social geral.

Nesta visão, o esporte não seria um mundo paralelo ao mundo do cotidiano, mas sim um reflexo deste, pois o egocentrismo, o individualismo e o imediatismo são características da vida social cotidiana e o respeito ao outro está praticamente banido das relações sociais (Shields e Bredemeier, 2008; Matos, 2013).

Além disso, a atual valorização exagerada da vitória a qualquer custo faz com que os valores morais e éticos diminuídos no ambiente esportivo (Silva, 2015; Bosquetti e colaboradores, 2015).

Na apreciação dos resultados desta pesquisa deve ser considerado o pequeno tamanho da amostra e sua condição não probabilística.

Sugere-se que sejam incluídos nas próximas investigações os dilemas relativos à agressão e à mentira; que as amostras sejam ampliadas e mais representativas de vários níveis de idade para investigar o desenvolvimento moral; que sejam examinados os estilos de liderança dos técnicos e a possível influência sobre o raciocínio moral dos atletas; e que sejam buscadas evidências de validade para o JAMBYSQ, pois a Psicologia do Esporte no Brasil ainda carece de instrumentos medida para a pesquisa e a prática profissional.

## REFERÊNCIAS

- 1-Assad, D.; Cardoso, F.; Dias, Ê.; Lima, I; Queirós, P.; Beresford, H. O valor do futsal como um meio de desenvolvimento moral de adolescentes com dificuldade de relacionamento social. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. Vol. 5. Núm. 16. p.146-154. 2013. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/201/179>>
- 2-Beller, J. M.; Stoll, K. S. Moral Reasoning of High School Student Athletes and General Students: An Empirical Study Versus Personal Testimony. *Pediatric Exercise Science*. Vol. 7. p.352-363. 1995.
- 3-Biaggio, A. M. B.; Lawrence, K. *Ética e Educação Moral*. São Paulo. Moderna. 2002.
- 4-Bosquetti, M. A.; Morais, A. O. D.; Altimari, L.; Souza, S. R. D. Comportamentos de Fair Play e Antiesportivos: Avaliação dos Árbitros. *Perspectivas em análise do comportamento*. Vol. 6. p.60-73. 2015.
- 5-Bredemeier, B. J. L. Children's Moral Reasoning and Their Assertive, Aggressive, and Submissive Tendencies in Sport and Daily Life. *Journal of Sport & Exercise Psychology*. Vol. 16. p.1-14. 1994.
- 6-Bredemeier, B. J. L.; Shields, D. L. L. Game Reasoning and Interactional Morality. *The Journal of Genetic Psychology*. Vol. 147. p.257-275. 1985b.
- 7-Bredemeier, B. J. L.; Shields, D. L. L. Moral Growth Among Athletes and Nonathletes: A Comparative Analysis. *The Journal of Genetic Psychology*. Vol. 147. p.7-18. 1985a.
- 8-Bredemeier, B. J.; Shields, D. L. Moral growth among athletes and nonathletes a comparative analysis. *Journal of Genetic Psychology*. Vol. 147. p.7-18. 1986.
- 9-Cecchini-Estrada, J. A.; De Mesa, C. G.G.; Montero-Méndez, J. Participación en el deporte, orientación de metas y funcionamiento moral. *Revista Latinoamericana de Psicología*. Vol. 40. p.497-509. 2008.
- 10-Chow, G. M.; Murray, K. E.; Feltz, D. L. Individual, Team, and Coach Predictors of Players' Likelihood to Aggress in Youth Soccer. *Journal of Sport and Exercise Psychology*. Vol. 31. p.425-443. 2009.
- 11-Cohen, J. *Statistical Power Analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale. Lawrence Erlbaum Associates. 1988.
- 12-Coles, R. *Inteligência Moral das Crianças*. Rio de Janeiro. Campus. 1998.
- 13-Guivernau, M.; Duda, J. L. Moral Atmosphere and Athletic Aggressive Tendencies in Young Soccer Players. *Journal of Moral Education*. Vol.31. p.67-85. 2002.

## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

- 14-Haan, N. Two Moralities in Action Contexts: Relationships to Thought, Ego Regulation, and Development. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 36. p.286-305. 1978.
- 15-Kavussanu, M.; Ntoumanis, N. Participation in Sport and Moral Functioning: Does Ego Orientation Mediate Their Relationship? *Journal of Sport & Exercise Psychology*. Vol. 25. p.501-518. 2003.
- 16-Kavussanu, M.; Roberts, G. C.; Ntoumanis, N. Contextual Influences on Moral Functioning of College Basketball Players. *The Sport Psychologist*. Vol. 16. p.347-367. 2002.
- 17-Kavussanu, M.; Roberts, G. Moral functioning in sport: an achievement goal perspective. *Journal of Sport and Exercise Psychology*. Vol. 23. p.37-54. 2001.
- 18-Kavussanu, M.; Seal, A. R.; Phillips, D. R. Observed Prosocial and Antisocial Behaviors in Male Soccer Teams: Age Differences across Adolescence and the Role of Motivational Variables. *Journal of Applied Sport Psychology*. Vol. 18. p.326-344. 2006.
- 19-Kavussanu, M.; Spray, C. M. Contextual Influences on Moral Functioning of Male Youth Footballers. *The Sport Psychologist*. Vol. 20. p.1-23. 2006.
- 20-Kohlberg, L. *Essays on Moral Development, II: The Psychology of Moral Development*. San Francisco. Harper & Row. 1984.
- 21-Lenz, C. H.; Pinheiro, E. dos S.; Generosi, R. A. Avaliação do nível de desenvolvimento moral de adolescentes frente a dilemas da vida diária e esportiva. *Revista Digital*. Buenos Aires. Año 15. Núm. 148. 2010.
- 22-Leo Marcos, F. A.; Sánchez-Miguel, P.; Sánchez-Oliva, D.; Amado, D.; García-Calvo, T. Motivational climate created by other significant actors and antisocial behaviors in youth sport. *Kineziologija*. Vol. 47. p.3-10. 2015.
- 23-Long, T.; Pantaléon, N.; Bruant, G.; d'Arripe-Longueville, F. A Qualitative Study of Moral Reasoning of Young Elite Athletes. *The Sport Psychologist*. Vol. 20. p.330-347. 2006.
- 24-Malete, L.; Chow, G. M.; Feltz, D. L. Influence of coaching efficacy and coaching competency on athlete-level moral variables in Botswana youth soccer. *Journal of Applied Social Psychology*. Vol. 43. p.2107-2119. 2013.
- 25-Matos, P. N. V. D. Ética, valores e desporto: estudo centrado em jovens, escalão sub 17-juvenis praticantes de futebol federado. Dissertação de Mestrado. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 2015.
- 26-Mouratidou, K.; Barkoukis, V.; Rizos, S. Achievement Goals and Moral Competence in Sport: Examining the Moderating Role of Demographic Characteristics. *European Psychologist*. Vol. 17. p.34-43. 2012.
- 27-Peláez, S.; Aulls, M. W.; Rossi, A.; Bacon, S. L. The coach as a contributor to the socio-moral context: A literature review. *Psychology Research*. Vol. 3. p.113. 2013.
- 28-Piaget, J. *O Julgamento Moral na Criança*. São Paulo. Mestre Jou. 1977.
- 29-Pinto, S. G. C. Prática desportiva, orientação para o sucesso e desenvolvimento do raciocínio moral em adolescentes. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física Universidade do Porto. 2002.
- 30-Power, C.; Higgins, A.; Kohlberg, L. Lawrence Kohlberg's approach to moral education. New York. Columbia University Press. 1989.
- 31-Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento de Valores e Desenvolvimento Humano. Brasília. 2010.
- 32-Sage, L.; Kavussanu, M. Multiple Goal Orientations as Predictors of Moral Behavior in Youth Soccer. *The Sport Psychologist*. Vol. 21. p.417-437. 2007.
- 33-Samulski, D. *Psicologia do Esporte*. São Paulo. Manole. 2002.
- 34-Shields, D. L. L.; Bredemeier, B. J. L. Advances in sport mortality research. In Tenenbaum, G.; Eklund, R. C. (Eds.),

## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

Handbook of sport psychology. p.662-684. New York: John Wiley. 2007.

prática desportiva. Revista de Educação Física. Vol. 4. p.34-39. 1993.

35-Shields, D. L. L.; Bredemeier, B. J. L. Character Development and Physical Activity. Champaign. IL: Human Kinetics. 1995.

44-Weinberg, R. S.; Gould, D. Fundamentos da Psicologia do Esporte e Exercício Físico. Porto Alegre. Artmed. 2008.

36-Shields, D.; Bredemeier, B. Moral Development and Behaviour in Sport. In Singer R.; Hausenblas, H.; Janelle, C. Handbook of Sport Psychology. New York. John Wiley & Sons Inc. 2001.

Recebido para publicação em 09/03/2017  
Aceito em 20/05/2017

37-Shields, D. L. L.; Bredemeier, B. J. L. Moral Reasoning in the Context of Sport. Studies in Social and Moral Development and Education. 2008. Recuperado em 10/02/2012, de <[http://tiger.uic.edu/~Inucci/MoralEd/articles/s\\_hieldssport.html](http://tiger.uic.edu/~Inucci/MoralEd/articles/s_hieldssport.html)>.

38-Shields, D. L. L.; Bredemeier, B. J. L.; Gardner, D. E.; Bostrom, A. Leadership, Cohesion, and Team Norms Regarding Cheating and Aggression. Sociology of Sport Journal. Vol. 12. p. 324-336. 1995.

39-Silva, A. N. V. D. Comportamento moral de atletas e escolares praticantes de voleibol. TCC. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

40-Steinfeldt, J. A.; Rutkowski, L. A.; Vaughan, E. L.; Steinfeldt, M. C. Masculinity, Moral Atmosphere, and Moral Functioning of High School Football Players. Journal of Sport & Exercise Psychology. Vol. 33. p.215-234. 2011.

41-Stephens, D. E.; Bredemeier, B. J. L. Moral atmosphere and judgements about aggression in girls' soccer: Relationships among moral and motivational variables. Journal of Sport and Exercise Psychology. Vol. 18. p.158-173.1996.

42-Stephens, D. E.; Bredemeier, B. J. L.; Shields, D. L. L. Construction of a Measure Designed to Assess Players' Descriptions and Prescriptions for Moral Behavior in Youth Sport Soccer. International Journal of Sport Psychology. Vol. 28. p.370-390. 1997.

43-Vieira, J. L. L. Avaliação do desenvolvimento moral de adolescentes em relação a dilemas morais da vida diária e da